

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

MIRIAM ELISABETH MIBIELLI DOS SANTOS SOUZA

**A Relação entre Sensação e Percepção na Teoria do Conhecimento Empírico de
Thomas Reid – Uma Análise do Realismo Direto em Epistemologia**

Porto Alegre
2009

MIRIAM ELISABETH MIBIELLI DOS SANTOS SOUZA

**A Relação entre Sensação e Percepção na Teoria do Conhecimento Empírico de
Thomas Reid – Uma Análise do Realismo Direto em Epistemologia**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de
Pós-graduação da Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Doutor Roberto Hofmeister Pich

Porto Alegre
2009

MIRIAM ELISABETH MIBIELLI DOS SANTOS SOUZA

**A Relação entre Sensação e Percepção na Teoria do Conhecimento Empírico de
Thomas Reid – Uma Análise do Realismo Direto em Epistemologia**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de
Pós-graduação da Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Roberto Hofmeister Pich - PUCRS

Prof. Dr. Eduardo Luft - PUCRS

Prof. Dr. Felipe de Matos Müller

Dedico esta dissertação
a duas pessoas muito especiais:
Eduardo dos Santos Souza, meu pai,
e a Leonardo Mibielli, meu filho,
que tanto apoiaram e incentivaram
para sua realização e conclusão.

AGRADECIMENTOS

Ao mestre Dr. Roberto Hofmeister Pich pela sua orientação, incentivo e oportunidades de aprendizado.

A Denise Tonietto, secretária do PPG em Filosofia, pela atenção, paciência e disponibilidade nos momentos difíceis.

Aos colegas de mestrado pelo companheirismo e, especialmente, a Elnora Maria Gondim Machado Lima e Rogel Esteves de Oliveira.

Em suas relações com tudo quanto existe,
o filósofo vê a verdade revelar-se a seus olhos,
graças ao intercâmbio com outros pensadores e ao
processo que o torna transparente a si mesmo.

Quem se dedica à filosofia põe-se à procura do homem,
+escuta o que ele diz,
observa o que ele faz e se interessa por sua palavra e ação,
desejoso de partilhar,
com seus concidadãos,
do destino comum da humanidade.

Karl Jaspers
(1976, p. 140)

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é estabelecer a relação entre sensação e percepção na teoria do conhecimento empírico de Thomas Reid, efetuando uma análise do realismo direto em epistemologia. O tema é abordado com base, principalmente, em duas de suas grandes obras, *An Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense* e *Essays on the Intellectual Powers of Man*, mas sem deixar de apresentar as ideias de grandes filósofos contemporâneos, intérpretes de Reid como John Greco, James van Cleve, entre outros. No primeiro momento, ressalta-se a crítica de Reid à teoria das ideias, estabelecendo-se em seguida uma distinção preliminar entre sensação e percepção. A teoria da sensação e a teoria da percepção são então tratadas separadamente, conforme a metodologia adotada por Reid. Para finalizar, o último capítulo trata do realismo direto de Thomas Reid, que, na teoria da percepção, demonstra a capacidade que a mente possui de se conectar diretamente com o mundo, sem precisar de qualquer outro elemento, como a própria “ideia”.

Palavras-chave: Teoria das ideias. Sensação. Percepção. Realismo direto.

ABSTRACT

The objective of this study is to establish the relationship between sensation and perception in the theory of empirical knowledge of Thomas Reid, making an analysis of direct realism in epistemology. The topic is discussed based mainly on two of her major works, *An Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense* and *Essays on the Intellectual Powers of Man*, but without leave to present the ideas of major contemporary philosophers, interpreters of Reid as well as John Greco, James van Cleve, among others. At first, he was critical of Reid to the theory of ideas, setting up a distinction between sensation and perception. The theory of sensation and the theory of perception are treated separately, as the methodology adopted by Reid suggests. To finish up, the last chapter deals with the direct realism of Thomas Reid, where he attempts to demonstrate, through his theory of perception, human mind's ability to relate directly with the world, without need of any other element, as the "idea" itself.

Keywords: Theory of ideas. Sensation. Perception. Direct realism.

LISTA DE ABREVIATURAS

EAP - *Essays on the Active Powers of the Human Mind*

EIP - *Essays on the Intellectual Powers of Man*

IHM - *An Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA FILOSÓFICA E REJEIÇÃO DA TEORIA DAS IDEIAS	14
2.1 CRÍTICA À TEORIA DAS IDEIAS	14
2.2 DISTINÇÃO ENTRE PERCEPÇÃO E SENSAÇÃO	19
3 TEORIA DA SENSAÇÃO	23
3.1 CONCEITO DE SENSAÇÃO	23
3.2 SINAIS NATURAIS E SENSAÇÃO	26
4 TEORIA DA PERCEPÇÃO	29
4.1 CONCEITO DE PERCEPÇÃO	29
4.2 ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS DA PERCEPÇÃO	31
4.2.1 Concepção	32
4.2.2 Crença	34
4.2.3 Imediaticidade	37
4.3 A NATUREZA NA PERCEPÇÃO	40
5 O REALISMO DIRETO DE THOMAS REID	47
5.1 O REALISMO DIRETO NAS TEORIAS DA PERCEPÇÃO E DA SENSAÇÃO	47
5.2 FORMAS DE IMEDIATICIDADE	49
5.2.1 Epistemológica	51
5.2.2 Perceptual	53
5.2.3 Apresentacional	54
6 CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho possui, como principal objetivo, estabelecer a relação entre sensação e percepção na teoria do conhecimento empírico de Thomas Reid, bem como fazer uma análise do realismo direto em epistemologia. Na sua obra, Reid demonstra uma rejeição à teoria das ideias e apresenta uma distinção entre sensação e percepção, demonstrando a relação existente entre a mente operando e o objeto que a mente está percebendo. E, ao proclamar que é possível ter um conhecimento imediato das coisas, sustenta o realismo direto na teoria da percepção.

O filósofo Thomas Reid (1710 – 1796) nasceu na Escócia, onde teve sua primeira formação e, praticamente, passou toda a sua vida. Foi contemporâneo de David Hume, fundador da *Scottish School of Common Sense* (Escola Escocesa do Senso Comum) e desempenhou um papel importante no Iluminismo Escocês. Estudou teologia no *Marischal College*, em Aberdeen e, ao ser nomeado professor no *King's College*, em 1751, acabou se tornando a figura central da escola filosófica do senso comum. Em 1764, publicou sua primeira obra, *An Inquiry the Human Mind on the Principles of Common Sense*. Morreu em Glasgow, aos 86 anos, deixando ainda duas de suas principais obras, os *Essays on the Intellectual Powers of Man* (1785) e os *Essays on the Active Powers of Man* (1788).

Nas suas obras, Reid se preocupou com questões relativas à epistemologia, à filosofia da linguagem e a ética. Assim, Reid apresenta uma visão filosófica abrangente, articulando conhecimento, expressão e comportamento moral.¹

¹ GUERREIRO, 1999, p. 171.

Na epistemologia contemporânea, a teoria do conhecimento de Reid despertou interesse e reconhecimento de teóricos como John Greco, James van Cleve e Keith Lehrer. Thomas Reid foi um filósofo que, para romper com a visão filosófica anterior, estabeleceu os *principles of common sense* (princípios do senso comum), que fundamentam a prática, o pensamento e governam, de maneira irresistível, a vida. Reid dedicou muito do seu trabalho à tentativa de relacionar os princípios do senso comum com a justificativa do conhecimento. E o senso comum representa uma forma de conhecimento que, certamente, se amplia e se aperfeiçoa ao longo de muitas gerações.

A presente dissertação, além da introdução e da conclusão, conta com quatro capítulos. O primeiro destina-se a apresentar a metodologia filosófica de Reid e a sua crítica e rejeição à teoria das ideias; ao final, estabelece-se uma distinção entre percepção e sensação. O segundo e o terceiro capítulos tratam das teorias da sensação e da percepção, respectivamente, através de conceitos e elementos particulares de suas características. O quarto capítulo tenta demonstrar o realismo direto, defendido por Reid, nas teorias da sensação e da percepção; o realismo de Reid foi, de diversas formas, posteriormente avaliado por filósofos contemporâneos importantes.

No tocante a crítica de Reid à teoria das ideias, é importante ressaltar que não é uma crítica de caráter externo, porém uma crítica que permaneceu dentro da tradição empirista, embora tivesse rejeitado a teoria conforme o seu desenvolvimento por Locke, Berkeley e Hume. Talvez, a principal preocupação de Reid tenha consistido em deslocar a filosofia do domínio da subjetividade para o da objetividade e assegurar a existência de uma realidade comum a todos os homens, devidamente reconhecida pela experiência comum a todos os homens.²

² Sciacca, 1968, vol. 2, p. 141 citado por GUERREIRO, 1999, p. 172-3.

Na teoria da sensação, Reid demonstra que os objetos causam efeitos imediatos no corpo, causando sensações. Na realidade, os objetos atuam nos órgãos dos sentidos humanos (a visão, o olfato, a audição, o tato e o paladar), causando sensações e segundo confiança instintiva.

Para Reid, uma coisa é dizer que os sentidos nos enganam, outra é acreditar nisso com afinco e agir em decorrência disso. Nenhum cético, com efeito, jamais se atirou no fogo, o que significa que a confiança instintiva que nós temos nos sentidos não pode ser abalada por nenhuma crítica da experiência.³

Austin⁴, em sua obra *Sentido e Percepção*, diz que a doutrina empirista, em geral, coloca que nunca se percebe ou se sente diretamente os objetos materiais, ou coisas materiais, mas somente dados dos sentidos, ou as próprias ideias, impressões, e percepções. Afirma, ainda, que não existe uma espécie de coisa que é percebida, mas muitas espécies diferentes, cujo número talvez possa ser reduzido pela investigação científica, e não pela filosofia.

Contudo, Reid defende um realismo direto na teoria da percepção, em oposição ao movimento empirista moderno. E em suas obras, EIP e IHM, tenta demonstrar que é possível ter um conhecimento direto dos objetos externos percebidos pelo sentido da visão, sem que exista qualquer intermediação.

E, para a realização deste estudo, foram utilizadas como referências principais, apenas duas obras de Reid que tratam do tema, *An Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense (Investigação acerca da Mente Humana sobre os Princípios do Senso Comum)* e *Essays on the Intellectual Powers of Man (Ensaio sobre os Poderes Intelectuais do Homem)*, ambas as publicações consultadas em inglês, na edição por Derek R. Brookes.

³ Cf. SCIACCA, 1966, vol. 2, p. 141.

⁴ AUSTIN, 1993, p. 8-11.

2 METODOLOGIA FILOSÓFICA E REJEIÇÃO DA TEORIA DAS IDÉIAS

A primeira abordagem do presente capítulo se refere à crítica feita por Thomas Reid à teoria das ideias, que é amplamente enfatizada no livro *Essays on the Intellectual Powers of Man*⁵. A crítica trata, basicamente, da refutação de Reid aos argumentos (céuticos ou não) sobre o que são “ideias”, apresentados por alguns filósofos como Locke, Hume e Berkeley.

O segundo ponto trata da distinção que Reid estabelece, de forma clara e objetiva, entre percepção e sensação. Nesse momento, são feitas apenas algumas colocações, porque as teorias da sensação e da percepção serão tratadas, individualmente, nos capítulos seguintes.

2.1 CRÍTICA À TEORIA DAS IDÉIAS

Não há dúvida de que muitos autores utilizavam outras expressões para se referir ao termo “ideia”, com significados fundamentais e distintos. Para alguns filósofos, como Platão e Aristóteles, a palavra “ideia” era empregada como uma espécie única visível em uma multiplicidade de objetos. Enquanto que, para outros, como Descartes, era entendida como um objeto qualquer do pensamento humano, ou seja, como uma representação em geral.⁶

A mente, para Locke, não tem conhecimento das coisas imediatamente, mas somente pela intervenção das ideias que possui delas. O conhecimento é real somente na medida em que há uma conformidade entre as ideias e a realidade das coisas.

⁵ REID, 2002.

⁶ ABBAGNANO, 2003, p. 526-7.

Entre os filósofos modernos, Reid procurou sustentar e defender o realismo direto na teoria da percepção, repudiando a teoria das ideias e a orientação do movimento empirista, possivelmente iniciada por Locke e endossada por Berkeley e Hume, onde o objeto imediatamente presente na mente nunca é algo externo, mas somente uma imagem interna, uma representação ou apenas uma “ideia”.

Segundo Reid⁷, tanto para os filósofos da antiguidade, como para os modernos, os objetos externos não poderiam ser objetos imediatos do pensamento, pois deveria haver alguma imagem deles na própria mente, assim como são vistos num espelho. E o nome “ideia”, no seu sentido filosófico, é dado a esses objetos internos e imediatos do pensamento. O aspecto externo do objeto é remoto ou mediato, mas a ideia ou a imagem do objeto na mente é o objeto imediato, sem o qual não poderia haver qualquer percepção, nenhuma lembrança, nenhuma concepção mediata do objeto.

Na compreensão de Reid, diz Greco⁸, na “teoria comum das ideias” o objeto do pensamento é sempre alguma ideia na mente. Na realidade, os objetos externos não são percebidos imediatamente, mas, primeiramente, o objeto imediato da percepção é sempre alguma ideia (imagem ou sensação) na mente. Essa teoria é “comum” no sentido de que, de certa forma, é aceita universalmente pelos filósofos.

Reid, segundo Van Cleve⁹, aponta três pontos importantes contra a teoria das ideias. Em primeiro lugar, os argumentos em favor da teoria são fracos e sem força de convicção. Em segundo lugar, a teoria não faz nada para explicar como a percepção é possível. Em terceiro lugar, a teoria torna difícil mostrar como pode haver o conhecimento ou, até mesmo, a capacidade de conceber o mundo físico.

⁷ REID, Thomas. EIP, 2002. Essay I, Chap. I, p. 31.

⁸ GRECO, John. “*Reid’s Reply to the Skeptic*”. 2004, p. 135.

⁹ Cf. VAN CLEVE. “*Reid’s Theory of Perception*”. 2004, p. 102.

Na concepção de Reid, o conhecimento imediato das próprias coisas é possível e, de certa forma, reforça a importância e o papel dinâmico da percepção. Nesse aspecto, Haakonssen esclarece que

(...) a mente, longe de ser um recipiente passivo, é na realidade ativa, de modo que mesmo uma simples percepção tem o caráter de um juízo julgando que algo é o caso. Finalmente, é empiricamente falso que um complexo conteúdo mental seja composto de idéias simples; ao contrário, até mesmo a reflexão causal mostra que a mente apreende espontaneamente complexos objetos, que podem posteriormente ser submetidos a uma análise. Reid sugere até mesmo que não há qualquer evidência empírica da existência de idéias, no sentido de objetos mentais imediatamente presentes na mente. Ao invés de reconhecer coisas e eventos de variável complexidade, que a experiência comum mostra que está presente na mente, os filósofos especulativamente criaram um intermediário e fantasmagórico mundo das idéias.¹⁰

Em relação à crítica à teoria das idéias, há o modelo apresentado por Locke, que, segundo Reid, não esclareceu como os objetos do pensamento não são objetos imediatos. Porque, independentemente de qualquer que seja o objeto, o homem pensa nele, ou não. Não existe uma posição intermediária entre essas duas situações. Se o homem pensa no objeto, é um objeto imediato do pensamento, enquanto pensa no mesmo. Se ele não pensa no mesmo, não é objeto do pensamento. Cada objeto do pensamento, portanto, é um objeto imediato do pensamento, e a palavra “imediata”, juntou-se aos objetos do pensamento.¹¹

Berkeley, de certa forma, introduz uma modificação no pensamento filosófico de Locke, de maneira que Reid afirma, em IHM, que:

Bishop Berkeley gave new light to this subject, by showing, that the qualities of an inanimate thing, such as matter is conceived to be, cannot resemble any sensation; that it is impossible to conceive any thing like the sensations of our minds, but the sensations of other minds. (...)

¹⁰ Cf. Haakonssen, K. *Natural Law and moral philosophy: from Grotius to Scottish Enlightenment*, Cambridge University Press, 1996, p. 184-5 apud GUERREIRO, 1999, p. 168.

¹¹ Cf. REID, Thomas. EIP, 2002. Essay VI, Chap. III, p. 437.

But let us observe what use the Bishop makes of this important discovery: Why, he concludes, that we can have no conception of an inanimate substance, such as matter is conceived to be, or of any of its qualities; and that there is the strongest ground to believe that there is no existence in nature but minds, sensations, and ideas: If there is any other kind of existences, it must be what we neither have nor can have any conception of. But how does this follow? Why thus: We can have no conception of any thing but what resembles some sensation or idea in our minds; but the sensations and ideas in our minds can resemble nothing but the sensations and ideas in other minds; therefore, the conclusion is evident.¹²

A citação de Reid sobre a posição de Bishop Berkeley pode ser reconstruída como segue, conforme menciona Greco¹³ em seu artigo:

1. Não podemos ter concepção de coisa alguma senão de algo que lembra alguma sensação ou ideia em nossas mentes.

2. Mas, as sensações e ideias em nossas mentes não podem se assemelhar a nada senão a sensações e ideias. Em particular, sensações e ideias não podem se assemelhar a substâncias exteriores à mente.

Portanto,

3. Não podemos ter concepção de substâncias exteriores à mente. (1,2)

4. Mas, as nossas evidências, ou o conhecimento de uma coisa, exigem que sejamos capazes de concebê-las (pressuposto implícito).

Portanto,

5. Não podemos ter evidência e nem conhecimento de substâncias exteriores à mente. (3,4)

Reid, na tentativa de esclarecer as premissas propostas, afirma que:

This argument, we see, leans upon two positions. The last of them the ingenious author hath indeed made evident to all that understand his reasoning, and can attend to their own sensations: but the first proposition he never attempts to prove; it is taken from the doctrine of ideas, which hath been so universally received by philosophers, that it was thought to need no proof.¹⁴

¹² REID, Thomas. IHM, 2000, Chap. V, Sect. VIII, p.74-75.

¹³ GRECO, John. "Reid's Reply to the Skeptic". 2004, p. 136-7.

¹⁴ Cf. Reid, IHM, 2000, p. 75. Este argumento, diz Reid, pende sobre duas posições. A última delas Berkeley tenta tornar evidente a todos que possam compreender o seu raciocínio e possam atender às suas próprias sensações; mas, a primeira proposição ele nunca tenta provar, e é tomada a partir da doutrina das ideias, que tem sido universalmente recebida pelos filósofos e que, de certa forma, foi pensada para não precisar de prova.

Segundo Guerreiro¹⁵:

Reid se posicionou contra o dogmatismo negativo de Hume, para o qual não podíamos, entre outras coisas, apreender nosso 'eu' mediante uma intuição intelectual, simplesmente porque não havia nada comparável a uma substância espiritual, mas sim mero 'feixe de percepções'.

Sciacca, referindo-se à crítica de Reid em relação a Locke, Berkeley e Hume, afirmou que “não podemos demonstrar a existência das coisas e das suas qualidades, mas sabemos que não são ideias ou impressões subjetivas”¹⁶.

Pode parecer estranho, para muitos, afirmar que não há nenhuma evidência de que as ideias existam. Mas, Thomas Reid¹⁷, em EIP, tenta esclarecer dizendo:

To prevent mistakes, the reader must again be reminded, that if by ideas are meant only the acts or operations of our minds in perceiving, remembering, or imagining objects, I am far from calling in question the existence of those acts; we are conscious of them every day, and every hour life; and I believe no man of a sound mind ever doubted of the real existence of the operations of mind, of which he is conscious. (...) The ideas, of whose existence I require the proof, are not the operations of any mind, but supposed objects of those operations. They are not perception, remembrance, or conception, but things that are said to be perceived, or remembered, or imagined.

Em conformidade com o pensamento de Reid, segundo Greco¹⁸, a teoria das ideias tenta explicar vários fenômenos mentais, mas reduz-se apenas a um – à percepção imediata das ideias na mente. O que se percebe na imaginação é uma imagem que foi construída fora das sensações precedentes, mas ela pode não corresponder à existência da realidade externa. E o que se percebe na memória, é uma imagem causada por uma sensação anterior, que agora é relembrada por outra visão.

¹⁵ GUERREIRO, 1999, p. 164-167.

¹⁶ Sciacca, 1968, vol. 2, p. 141 citado por GUERREIRO, 1999, p. 173.

¹⁷ REID, EIP, 2002. Essay II, Chap. XIV, p. 171.

¹⁸ GRECO, 2004, p. 141.

Este sentimento, ou percepção imediata, é muito difícil de ser compreendido. E, na tentativa de explicar, Reid afirma que duas coisas podem estar em contato sem qualquer sentimento ou percepção, mas, conseqüentemente, deve haver um poder para sentir ou perceber. Como este poder é produzido, e como ele opera, é absolutamente fora do alcance do nosso conhecimento.¹⁹

Pelo que foi exposto no decorrer deste capítulo, parece que, se a teoria das ideias é suficiente para a geração de resultados céticos, então o ceticismo poderia ser evitado apenas pela rejeição à teoria. Reid dá várias razões para se fazer exatamente isso. Não há evidências suficientes para mostrar que as ideias (na maneira como a teoria geral das ideias as concebe) realmente existam. E, mesmo se tais ideias existissem, não explicariam os fenômenos que supostamente deveriam explicar.

2.2 DISTINÇÃO ENTRE PERCEPÇÃO E SENSAÇÃO

Na obra de Reid, é possível encontrar uma familiar distinção entre sensação e percepção. Apesar de ambas serem operações da mente, diferem em sua natureza. E em relação às suas finalidades na vida comum, talvez não seja necessário distingui-las, pois as opiniões recebidas dos filósofos tendem a confundi-las. As mais simples operações da mente não admitem uma definição lógica.²⁰

Philip de Bary²¹, ao analisar a teoria da percepção, esclarece que Reid distingue sensação, não só de percepção, mas de todos os outros atos mentais, apoiando-se no fato de que só ela “não tem um objeto distinto do próprio ato”. E possivelmente, segundo o pensamento de Reid, o que pode ter impedido o reconhecimento desta distinção é a semelhança gramatical existente entre sensação e percepção.

¹⁹ Cf. REID, EIP, 2002. Essay II, Chap. XIV, p. 185.

²⁰ Cf. REID, IHM, 2000, p. 167.

²¹ DE BARY, 2002, p.50.

Assim, para Reid ²², dizer “eu sinto dor” indica uma sensação; e “eu vejo uma árvore”, por sua vez, uma percepção. A análise gramatical das duas expressões é a mesma: para ambas consiste em um verbo ativo e um objeto. Mas, se alguém prestar atenção ao significado das coisas por estas expressões é possível encontrar que, na primeira, a distinção entre o ato e o objeto não é real, mas gramatical; e na segunda, a distinção não é somente gramatical, mas real.

A forma da expressão “eu sinto dor”, para Reid, parece indicar que o sentimento é algo distinto da dor realmente sentida, mas, na realidade, não há distinção. Assim, “ter um pensamento” é uma expressão que não poderia significar mais do que pensar; “sentir uma dor” não significa mais do que estar doído.²³

No momento em que se vê uma árvore, há um objeto para além do ato de ver, mas, quando se tem uma sensação, não existe nenhum objeto para além do ato de sentir. Não é sentir algo, mas sentir de algum modo. Se sentir exige seus próprios objetos especiais, talvez a relatividade perceptual²⁴, presente na teoria das ideias, poderia ser restabelecida.

Assim, é possível que ao olhar para uma montanha, a partir de certa distância, ela possa parecer azul. Contudo, na medida em que ocorre uma aproximação, ela se torne verde para os objetos sensoriais da mente, e esses objetos especiais é que iriam deslocar a montanha (que não sofre nenhuma alteração) como um objeto imediato.²⁵

²² REID, IHM, 2000, Chap. VI, Sect. XX, p. 167/168.

²³ Cf. REID, IHM, 2000, p. 168. O texto original diz: “*The form of the expression, I feel pain, might seem to imply, that the feeling is something distinct from the pain felt; yet, in reality, there is no distinction. As thinking a thought is an expression which could signify no more than thinking, so feeling a pain signifies no more than being pained.*”

²⁴ A relatividade perceptual é totalmente implausível como teoria a respeito da percepção de objetos. A percepção de objetos não depende dos conhecimentos ou falta de conhecimentos linguísticos, conceituais, cognitivos e científicos do observador e conseqüentemente não é relativa a estes. (AUDI, 2006, p. 715).

²⁵ Cf. VAN CLEVE, 2004, p. 105. No artigo consta que: “*The mountain that looks blue from a distance and green from close up would do so by generating first blue and then green sensory objects in my mind, and these special objects would displace the mountain itself (which “suffers no alteration”) as my immediate objects.*”

Hume, em relação a essa distinção, diz que existe certa diferença entre as “percepções” (*perceptions*) da mente, quando um homem sente a dor de um calor muito excessivo ou o prazer de um ardor moderado, e quando mais tarde traz à memória a sua “sensação” (*sensation*) ou a antecipa mediante a sua “imaginação” (*imagination*). Estas faculdades podem imitar ou copiar as percepções dos sentidos, mas não podem alcançar a força e a vivacidade do sentimento inicial.²⁶

Em conformidade com o pensamento de Locke, as ideias de qualidades primárias são aquelas concebidas por influência direta do objeto. Enquanto que as qualidades secundárias correspondem a poderes que os objetos têm de produzir indiretamente diversas sensações, como as cores, os gostos, os cheiros, etc.

Reid não chega a sustentar que cada percepção diferente, seja combinada com a sua própria sensação. Percepções visuais de qualidades primárias (como, por exemplo, percepções de figuras visíveis) são anômalas a esse respeito, uma vez que o único tipo de sensações visuais que o homem tem são aquelas que significam uma qualidade secundária, ou seja, uma cor. Excepcionalmente, as qualidades primárias são percebidas pela visão, significando impressões físicas diretas sobre a retina, não por sensações na própria mente.²⁷

Então, sempre que uma impressão material é feita em um órgão dos sentidos por um objeto externo, diretamente ou através de um suporte (mediador), uma sensação mental é imediatamente causada e produz a concepção e convicção adequada para a percepção do objeto.²⁸

²⁶ HUME, 1989, p. 23.

²⁷ DE BARY, 2002, p.51.

²⁸ Cf. DE BARY, 2002, p.51.

Sensação e percepção são os atos primitivos do conhecimento humano, com os quais se conhece as qualidades secundárias e primárias. Todas as qualidades são objetivas. O objeto imediato do espírito não são as “ideias”, mas as próprias coisas. A sensação “atesta a experiência da coisa e de uma qualidade a esta inerente, uma faculdade de pensar e sentir e um ser permanente ou um espírito em que reside esta faculdade”.²⁹

Embora as sensações não tenham objetos, elas podem se tornar objetos, a partir do momento em que se pode saber, através da adequada atenção dada, qual o tipo de sensação que está ocorrendo. Na opinião de Reid, as relações epistêmicas implicam um delicado equilíbrio no agir (ou no ato), no tocante às sensações. O homem, se estiver atento para as suas sensações, pode perfeitamente saber as semelhanças existentes, ainda que muitas vezes elas possam passar despercebidas, servindo apenas como meros sinais para a sua mente, levando-o, de forma instantânea, para outras coisas a que elas significam.³⁰

Lehrer³¹, ao se referir à percepção como um ato intencional em Reid, afirma que para se entender o que o costume traz para a percepção visual do mundo tridimensional, primeiro é preciso compreender a natureza da própria percepção. Antes de tudo, é necessário distinguir entre a sensação, que é uma operação original da mente e a percepção, que, no caso de sua aquisição, não é original, mas resultado do costume. A distinção entre a sensação e a percepção é baseada no fato de que a sensação não é intencional, isto é, não tem objeto, enquanto a percepção é intencional, embora gramaticalmente pudesse induzir a pensar o contrário.

²⁹ SCIACCA, 1966, p. 141 e 147.

³⁰ VAN CLEVE, 2004, p. 105.

³¹ LEHRER, 2002, p. 67.

3 TEORIA DA SENSAÇÃO

O tema do presente capítulo é a teoria da sensação, que foi tratada por Reid nas suas obras *An Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense* e *Essays on the Intellectual Powers of Man*. No primeiro momento, o conceito de sensação é bem explorado para reforçar certas diferenças que existem entre a sensação e a percepção, que Reid faz questão de deixar bem claras, através de argumentos e exemplos que deverão ser devidamente abordados. Em seguida, será tangida a relação dos sinais naturais com a sensação.

3.1 CONCEITO DE SENSAÇÃO

Reid entendeu que a sensação “atesta a existência da coisa e de uma qualidade a esta inerente, uma faculdade de pautar e sentir e um ser permanente ou um espírito em que reside esta faculdade”.³²

A sensação, conforme definição dada por Reid, é um nome que foi dado pelos filósofos a um ato da mente, que pode ser distinto de todos os outros, mas isso não faz com que o objeto seja distinto do próprio ato.³³ Quando a dor existe, não se pode dizer que a dor que se está sentindo é uma coisa, e o sentimento seja outra coisa. Eles são uma única coisa e não podem ser separados, nem mesmo na imaginação. A dor, quando não se sente, não tem nenhuma existência. Ela pode ser maior ou menor, no grau ou na duração. Não pode existir por si só, mas apenas no ser sensível. Não há qualidade de qualquer ser extramental não-sensível que possa ter a menor semelhança com ela. E o que foi mencionado a respeito da dor pode ser aplicado para qualquer outra sensação, algumas agradáveis, outras não, e em diversos graus.

³² Reid citado por GUERREIRO, 1999, p. 173.

³³ O conceito de sensação apresentado refere-se a seguinte frase de Reid: “*Sensation is a name given by Philosophers to an act of mind, which may be distinguished from all others by this, that it hath no object distinct from the act itself*” (REID, EIP, Essay I, Chap. I, p. 36).

Na opinião dos filósofos modernos, a sensação da mente é completamente passiva, diz Reid³⁴. Isso parece verdadeiro, pois não se pode levantar nenhuma sensação da mente apenas por querer e, por outro lado, parece possível evitar ter a sensação quando o objeto é apresentado. Contudo, parece ser verdadeira essa opinião na proporção em que a atenção é voltada, mais ou menos, para a sensação ou desviada dela. Essa sensação é mais ou menos percebida ou lembrada. Cada um sabe que a dor muito intensa pode ser desviada por uma surpresa, ou por tudo o que ocupar inteiramente a mente. Mas, se, conseqüentemente, pode haver qualquer sensação onde a mente é puramente passiva, isso Reid não diz; porém, justifica o ponto afirmando que o homem tem consciência de ter dado alguma atenção a cada sensação que recorda, seja o quão recente for.

Como reconhece Falkenstein³⁵, Reid identificou as sensações como os estados de sentimentos que são apreciados ao cheirar, provar, ouvir, ter a sensação de calor ou frio, ver um objeto colorido ou ser pressionado por um objeto. Os estados de sentimento, tidos por uma criatura sensível, não carregam nenhuma semelhança a qualquer qualidade dos objetos extramentais que atuam nos órgãos dos sentidos, ou algum efeito físico desses objetos sobre o corpo. Entretanto, eles são apreciados imediatamente no momento da estimulação sensorial, sem uma operação cognitiva mais adicional, além de certo grau de atenção, que é exigido para que se possa detê-los. Afirma ainda que, para Reid, primeiramente se levantam as conseqüências dos objetos que atuam nos órgãos dos sentidos e que as sensações são inatas no gosto (*taste*) e no tato (*touch*), mas não no olfato (*smell*) ou no ato de escutar (*hear*).

³⁴ Cf. REID, IHM, Chap. II, Sect. X, p. 44-46.

³⁵ FALKENSTEIN. "Nativism and the Nature of Thought in Reid's Account of our Knowledge of the External World". 2004, p. 159.

A relação que a sensação do cheiro traz à memória e à imaginação dela, para a mente, é comum a todas as sensações e, certamente, a todas as operações da mente. A relação, que diz respeito à vontade, é comum a ela com todos os poderes da compreensão. E a relação que carrega essa qualidade ou virtude dos órgãos é comum à vontade com as sensações do gosto, da audição, da cor, do calor e do frio. Esses aspectos da relação que a sensação traz podem facilmente ser aplicados a outros sentidos e a outras operações da mente.

A maioria das operações da mente, diz Reid³⁶, que possuem nomes na linguagem comum, são complexas em sua natureza e compostas de vários ingredientes ou de atos mais simples, os quais, embora presentes em nossa constituição, devem ser separados pela abstração e ganhar uma noção distinta da operação complexa. Em tais operações, a sensação normalmente perfaz um ingrediente especial. Aqueles que não compreendem a natureza complexa de tais operações são, talvez, aptos a reduzi-las a alguns atos simples, com as quais são combinadas, negligenciando os outros. Talvez, por essa razão, muitas disputas foram levantadas e muitos erros foram ocasionados, principalmente no que diz respeito à natureza de tais operações.

Reid comenta ainda que a sensação e a memória são simples, originais e perfeitamente distintas operações da mente, e ambas são princípios originais de crença. Esclarece também que a imaginação é distinta de ambas, mas não é princípio de crença. A sensação aponta a existência atual de seu objeto; a memória aponta a existência passada do objeto; mas, a imaginação visualiza o objeto nu, sem qualquer crença de sua existência ou não-existência e é, portanto, o que as escolas filosóficas chamam de “*simple apprehension*”.³⁷

³⁶ Cf. REID, EIP, Essay I, Chap. I, p. 37.

³⁷ Cf. REID, IHM, Chap. II, Sect. III, p. 29. O texto original diz: “*Sensation and memory therefore are simple, original, and perfectly distinct operations of the mind, and both of them are original principles of belief. Imagination is distinct from both, but is no principle of belief. Sensation implies the present existence of its object; memory its past existence; but imagination views its object naked, and without any belief of its existence or non-existence, and is therefore what the schools call ‘simple apprehension’.*”

Pelo que foi exposto sobre a definição de sensação é interessante citar, nesse momento, o filósofo francês Étienne de Condillac³⁸ e sua obra, o *Tratado das Sensações*, onde o autor tenta demonstrar que todos os conhecimentos e todas as faculdades vêm dos sentidos, ou seja, das sensações, porque os sentidos não passam de causa ocasional. A alma é que sente por causa dos órgãos, e é através das sensações que a modificam que ela extrai todos os seus conhecimentos e as suas faculdades. E esclarece que:

Uma sensação ainda não é uma ideia, tanto que é considerada apenas como um sentimento que se limita a modificar a alma. Se agora experimento dor, não direi que tenho a ideia da dor, direi que a sinto. Mas se lembro uma dor que tive, a lembrança é, então, a mesma coisa que a ideia; e se digo que faço ideia de uma dor que me é relatada, e que nunca senti, é porque eu a julgo a partir de uma dor que experimentei ou de uma dor que sofro atualmente.³⁹

3.2 SINAIS NATURAIS E SENSAÇÃO

Um dos efeitos imediatos que os objetos podem exercer sobre o corpo humano é o de causar sensações, e essas, por sua vez, tornam o homem consciente das qualidades desses objetos. No entanto, para Reid, as concepções de objetos não são derivadas das próprias sensações. Afinal, as sensações, normalmente, não suportam qualquer tipo de semelhança com as qualidades que lhes causam.

Sendo assim, não é possível conceber os objetos com certas qualidades particulares que representem as sensações, bem como tirar conclusões sobre o mundo através de algum tipo de exame detalhado e minucioso das sensações obtidas.

³⁸ CONDILLAC, 1993, p. 31. Para Étienne Bonnot de Condillac (1714-1780) a sensação é a única fonte das ideias e o objetivo da filosofia é explicar a gênese dos nossos conhecimentos.

³⁹ Cf. CONDILLAC, 1993, p. 47.

Na realidade, o que ocorre, é que as sensações dão origem às concepções dos objetos por meio de um processo que Reid chama de "sugestão". E, se as qualidades dos objetos são "sugeridas" pelas sensações, quando elas acontecem, é possível ter consciência desses objetos como aqueles que possuem determinadas qualidades.⁴⁰

Reid estabelece, ainda, uma distinção entre sinais naturais e artificiais. Os sinais artificiais indicam exatamente o que eles representam, como resultado de uma espécie de acordo tácito ou compacto entre as pessoas. Assim, por exemplo, a palavra "porco" significa suíno e, de acordo com Reid, somente porque as pessoas concordaram em usar um determinado som e uma determinada configuração de letras para significar suínos.

Os sinais naturais, por outro lado, também representam o que eles significam, mas por outros motivos que os determinam. Dessa forma, por exemplo, a palavra "enrubescer" significa embaraço apenas devido ao fato de que enrubescer e embaraço, habitualmente, são encontrados juntos, pois existe certo vínculo entre as duas palavras no próprio comportamento natural do homem.⁴¹

Em IHM, Reid⁴² descreve uma terceira categoria de sinais que podem ser observados, em termos de uma analogia. Assim, afirma que existe uma categoria de sinais naturais que, embora não se possa por meio dela ter qualquer noção ou concepção do significado das coisas, ela é sugerida ou invocada por algo como, analogamente, um "tipo natural de magia" que, imediatamente, dá uma concepção e cria uma crença com respeito a ela.⁴³

⁴⁰ STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY, 2006, p. 8.

⁴¹ Ibidem, p. 8.

⁴² REID, Thomas. IHM, 2000, p. 60. No texto original da obra citada, Reid afirma: "*A third class of natural signs comprehends those which, though we never before had any notion or conception of the things signified, do suggest it, or conjure it up, as it were, by a natural kind of magic, and at once give us a conception, and create a belief of it.*"

Quando a qualidade de um determinado objeto colide no corpo, causa uma sensação que não possui qualquer semelhança com a sua própria qualidade. Contudo, essa sensação, por sua vez, leva o homem a conceber o objeto com essa qualidade e, portanto, a ser diretamente consciente do objeto como possuidor dela, apenas porque estão ligados de forma a ter tal concepção logo após a sensação. É isso, de certa forma, que está na sensação de "sugerir" a concepção da qualidade, conforme afirma Reid.⁴⁴

⁴⁴ STANFORD, 2006, p. 9.

4 TEORIA DA PERCEPÇÃO

O presente capítulo, num primeiro momento, abordará o conceito de percepção apresentado por Reid; num segundo momento, far-se-á uma tentativa de esclarecer os elementos característicos da percepção, ou seja, a concepção, a crença e a imediaticidade e, para finalizar, o papel e a importância da natureza na percepção. É importante ressaltar que alguns capítulos de suas obras (IHM e EIP) foram largamente explorados e citados ao longo do texto, para uma melhor compreensão de seu pensamento sobre o assunto e para complementar as idéias já apresentadas nos capítulos anteriores.

4.1 CONCEITO DE PERCEPÇÃO

Segundo Reid⁴⁵, em EIP, a percepção é unicamente um ato da mente. E as operações da mente são conhecidas não pelos sentidos, mas pela consciência. Entretanto, para se ter uma noção distinta de algumas das operações da mente, não é o bastante que se tenha consciência delas, porque, de certa forma, todos os homens têm essa consciência. Mas, a distância existente entre as operações é necessária, exatamente para que se possa dar a devida atenção quando forem exercidas, bem como para refletir sobre elas com cuidado, enquanto forem recentes e frescas na memória.

A percepção é um ato complexo da mente, através do qual se percebe os objetos externos e as suas qualidades. A percepção possui três elementos fundamentais: (i) alguma concepção ou noção do objeto e suas qualidades; (ii) uma estranha e irresistível convicção e crença da existência e presença desse objeto; e (iii) a imediaticidade nessa crença, que, na percepção, não são as convicções produzidas pelo raciocínio, mas pelo imediato consentimento do julgamento que fazemos.⁴⁶

⁴⁵ Cf. REID, EIP, 2002. Essay II, Chap. V, p. 96-101.

⁴⁶ MARCIL-LACOSTE, 1982, p. 86. O autor cita, em nota de rodapé, um exemplo dado por Reid: *“When I grasp a ball in my hand, I perceive it at once hard, figure and extended. Feeling is very simple, and hath not the least*

Mas, se a percepção é uma espécie de concepção, então, para perceber um objeto, é preciso estar ciente de que, de um modo particular, é possuidor de uma qualidade especial e, ao mesmo tempo, estar convencido de que o objeto existe e foi concebido como se existisse. Os objetos, então, agem sobre o corpo e causam sensações - um sentimento de frieza, uma imagem visual de cores, etc.

Essas sensações, por sua vez, levam às concepções de suas causas, tornando o homem consciente da origem das suas sensações e de suas diversas qualidades. Contudo, muitas vezes, essas concepções são acompanhadas por uma determinada convicção em sua veracidade, e quando realmente isso ocorre são chamadas de “percepções”.⁴⁷

Fraser⁴⁸ comenta que Reid insistiu muito, em seus *Ensaio*s, que as percepções não estão relacionadas com seus objetos como efeitos, mas com suas causas. Assim, dizer que um objeto visto com indiferença cause alguma uma impressão na mente não é uma afirmação ideal. Mas, é evidente que, a partir da maneira como essa frase é utilizada é que será possível entender seu verdadeiro significado, não apenas para expressar a percepção do objeto, mas para explicar o modo da percepção. O objeto percebido atua sobre a mente, de alguma forma semelhante à de um corpo que atua sobre o outro. A impressão causada sobre a mente é concebida para ser algo em que a mente é completamente passiva. Mas essa, talvez, seja uma hipótese que contraria o senso comum da humanidade.

resemblance to any quality of body. Yet it suggests to us three primary qualities perfectly distinct from one another as well as from the sensation which indicates them. When I move my hand along the table, the feeling is so simple that I find it difficult to distinguish it into things of different natures; yet, it immediately suggests hardness, smoothness, extension and motion – things of very different natures, and all of them as distinctly understood as the feeling which suggests them”.

⁴⁷ Cf. STANFORD, p. 6.

⁴⁸ FRASER, *Thomas Reid*. 2005. p. 108-109.

Contudo, para Hume⁴⁹, todas as percepções do espírito humano reduzem-se a duas espécies distintas, as quais denominou impressões e ideias. A diferença entre elas reside nos graus de força e vivacidade com que afetam a mente e abrem caminho para o pensamento ou para a consciência. Denomina as percepções de 'impressões' e inclui, nessa designação, todas as sensações, paixões e emoções, a partir do momento em que fizerem o seu primeiro aparecimento na alma. E, por ideias, entende as imagens tênues das impressões presentes no pensamento e no raciocínio. Todas as ideias se originam de impressões e são cópias e representações delas. Na realidade, tudo o que é verdadeiro acerca de umas deve ser reconhecido como verdadeiro acerca das outras.

E, para acrescentar, Austin⁵⁰ comenta que, normalmente, o homem não sente a necessidade de justificar a crença na existência das coisas materiais. Contudo, reconhece que muitas vezes os sentidos enganam, mas isso não leva a suspeitar que as percepções sensoriais não sejam, em geral, dignas de confiança.

Os filósofos que se ocuparam do tópico da percepção dão por bem fundada a crença na existência de coisas materiais; alguns, na verdade, dirão que há ocasiões em que se está certo da verdade de proposições tais como "isto é um cigarro", ou "isso é uma caneta". Mas, a maior parte deles não está preparada para admitir que alguma vez percebamos diretamente objetos como canetas ou cigarros.⁵¹

4.2 ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS DA PERCEPÇÃO

Segundo Reid, conforme mencionado anteriormente, para atender a esse ato da mente que é chamado de percepção de um objeto externo dos sentidos três coisas se destacam. Em primeiro lugar, alguma concepção ou noção do objeto percebido. Segundo, uma forte e irresistível convicção e crença de sua existência atual. E, em terceiro, que esta convicção e crença são imediatas, e não efeito do raciocínio.⁵²

⁴⁹ HUME, 2001, p. 29 e 48.

⁵⁰ AUSTIN, John. *Sentido e Percepção*. 1993, p. 14.

⁵¹ AUSTIN, 1993, p. 14.

⁵² REID. EIP, Chap. V, p. 96.

Em suma, diz Sciacca⁵³, a percepção tem uma evidência irresistível e imediata, que faz nascer a crença invencível de que existe o sujeito percipiente e existem as coisas percebidas. O raciocínio se funda sobre a percepção, enquanto ela é independente de todos os raciocínios. É uma sugestão inata que, se não consegue explicar nada, faz crer em tudo e dá confiança ao homem.

Sendo assim, passo a expor individualmente, nos itens a seguir, os três elementos característicos da percepção, tratados por Reid em IHM e, posteriormente, mencionados em EIP, ou seja, a concepção, a crença e a imediaticidade.

4.2.1 Concepção

Para Reid, é difícil perceber um objeto sem ter alguma noção ou concepção daquilo que é percebido. É possível, certamente, conceber um objeto que não é percebido, mas quando isso ocorre, pode surgir, ao mesmo tempo, alguma concepção dele. Normalmente, tem-se uma noção mais clara e constante do objeto enquanto é percebido em relação ao que está armazenado na memória ou na própria imaginação, quando não é percebido. Contudo, mesmo na percepção, a noção que os sentidos dão ao objeto pode ser mais ou menos clara, mais ou menos distinta, e em todos os graus possíveis.

Concepção, para Reid⁵⁴, é o simples ato mental de apreender um objeto. É a raiz da intencionalidade na filosofia da mente de Reid, o ato da mente em virtude do qual qualquer modo de pensamento expõe objetos diretamente. Afirma, explicitamente, que todos os modos de pensamento são dirigidos. E, ainda, que a concepção entra como um ingrediente em todas as operações da mente. O objeto de um pensamento passa a ser o que é detido pelo(s) ato(s) de concepção que entram em sua constituição.

⁵³ SCIACCA, 1966, p. 141.

Dessa forma, explica Reid, é possível ver mais distintamente um objeto a uma pequena distância do que a uma longa distância. Um objeto a uma longa distância é visto mais distintamente em um dia claro do que em um dia nebuloso. Um objeto visto indistintamente a olho nu, por causa de sua exiguidade, pode ser visto distintamente com um microscópio. Exemplifica, ainda, dizendo que os objetos em um determinado quarto poderão ser vistos ali, cada vez menos distintamente, à medida que a luz do dia começa a enfraquecer, passando por todos os vários graus de luminosidade até a escuridão total, quando não poderão mais ser vistos.⁵⁵

No que se refere à distância, é importante salientar que ela somente é necessária para observar essa noção direta que se obtém do objeto, meramente pelo sentido externo, e não deve ser confundida com essa noção mais científica que um homem pode ter do mesmo objeto após anos de conhecimento e estudo, atendendo a seus vários atributos ou a suas várias partes, bem como à relação entre eles e ao todo.⁵⁶

Assim, a noção que uma criança tem de um determinado objeto é somente aquela que a visão lhe dá e é diferente da noção de um homem que compreenda a sua construção e perceba a relação das partes e o todo; essa última deve ser derivada de outros poderes da mente, que sempre surgem após o crescimento; quando adulto o sujeito, este passa a compreender e a tornar-se apto para passar de uma operação a outra, ou para a mesma.

⁵⁴ REID, EIP, *Essay IV, Chap. I*, p. 295-296, 2002

⁵⁵ REID, Thomas, EIP, *Chap. V*, p. 96/97.

⁵⁶ O referido parágrafo e o seguinte se referem, basicamente, à seguinte explicação dada por Reid: “*In a matter so obvious to every person capable of reflection, it is necessary only farther to observe, that the notion which we get of an object, merely by our external sense, ought not to be confounded with that more scientific notion which a man, come to the years of understanding, may have of the same object, by attending to its various attributes, or to its various parts, and their relation to each other, and to the whole. Thus the notion which a child has of a jack for roasting meat, will be acknowledged to be very different from that of a man who understands its construction, and perceives the relation of the parts to one another, and to the whole. The child sees the jack and every part of it as well as the man. The child, therefore, has all the notion of it which sight gives, whatever there is more in the notion which the man forms of it, must be derived from other powers of the mind, which may afterwards be explained. This observation is made here only, that we may not confound the operations of different powers of the mind, which, by being always conjoined after we grow up to understanding, are apt to pass for one and the same.*” (REID, 2002, p. 97)

4.2.2 Crença

A crença (*belief*) é uma forma ou um grau de conhecimento que, na filosofia moderna, possui a noção de uma atitude que consiste em reconhecer a existência de um determinado objeto. É um ato da mente que se torna real por um sentimento (*sentiment*), ou por uma experiência pessoal (*feeling*).

Reid parece não admitir uma definição lógica de crença; assim, apresenta as seguintes colocações:

Belief, assent, conviction, are words which I think do not admit of logical definition, because the operation of mind signified by them is perfectly simple, and of its own kind. Nor do they need to be defined, because they are common words, and well understood.

*Belief must have an object. For he that believes, must believe something; and that which he believes is called the object of his belief. Of this object of his belief, he must have some conception, clear or obscure; for although there may be the most clear and distinct conception of an object without any belief of its existence, there can be no belief without conception.*⁵⁷

Na percepção, diz Reid, tem-se a noção mais ou menos distinta do objeto percebido e, igualmente, uma irresistível convicção e uma crença na sua existência. Um exemplo típico, mencionado pelo autor, é aquele em que uma pessoa está certa de ter percebido um determinado objeto. Contudo, essa percepção pode ter sido tão fraca e indistinta que, eventualmente, pode deixar alguma dúvida se o objeto foi percebido, ou não.

Assim, quando uma estrela começa a cintilar, enquanto a luz do sol se retira, pode-se, por um curto período de tempo pensar vê-lo, sem estar certo, até que a percepção adquira alguma força e uniformidade. O mesmo acontece quando um navio começa a aparecer na orla máxima do horizonte, pois se pode, no início, ter dúvidas se foi percebido ou não. Mas, quando a percepção está em qualquer grau, clara e constante,

⁵⁷ REID, EIP, Essay II, Chap. XX, p. 227/228.

não permanece nenhuma dúvida de sua realidade; e, quando a realidade da percepção é verificada, a existência do objeto percebido já não pode ser duvidada.⁵⁸

Pelas leis de todas as nações, continua Reid, nos mais solenes julgamentos judiciais, onde fortunas e vidas estão em jogo, as sentenças são aplicadas de acordo com o testemunho dos olhos e ouvidos da testemunha. Um juiz íntegro dará uma audiência justa, ouvindo cada objeção que possa ser feita à integridade da testemunha e aceitar a possibilidade de que ela possa ter sido corrompida, mas o juiz não supõe que a testemunha possa ser obrigada ao erro, mesmo sem querer, traída pelos seus próprios olhos e ouvidos. Toda prova pode ser dada por tal testemunho: esse é o julgamento universal da humanidade, e a evidência dos sentidos foi utilizada em muitos momentos decisivos da humanidade.

Há duas alegações relevantemente diferentes sendo feitas aqui: primeiramente, que as dúvidas céticas sobre o conhecimento perceptual não deveriam ser tomadas seriamente, porque vão contra “o juízo universal da humanidade”; e, em segundo lugar, que esse juízo universal mostra que “a evidência dos sentidos” não depende de ou requer qualquer tipo de argumentação em seu suporte.⁵⁹

A conduta de toda humanidade, nas ocorrências diárias da vida, assim como o procedimento solene dos juízes no julgamento das causas cíveis e criminais, demonstra isto, diz Reid⁶⁰. E, nesse sentido, o autor apresenta duas exceções que podem ser oferecidas contra a tese acima, sendo essas também a crença universal da humanidade.

A primeira exceção se refere aos lunáticos, que foram persuadidos das coisas e parecem contradizer o testemunho claro de seus sentidos. É dito que existiram pessoas lunáticas e hipocondríacas, que acreditavam seriamente serem elas mesmas feitas de

⁵⁸ Cf. REID, EIP, Essay II, Chap. V, p. 97.

⁵⁹ PICH, Roberto. “*Realismo Direto*”.

⁶⁰ Cf. REID, EIP, Essay II, Chap. V, p. 98/99.

vidro e, em consequência disso, viviam em contínuo terror de ter a sua estrutura quebrantável feita em pedaços.⁶¹

A mente, diz Reid, assim como os corpos, é passível de estranhas desordens; e, como não se pode ser juiz da constituição natural do corpo, das desordens ou doenças, pode-se estar sujeito a acidentes. Por isso, não se deve julgar os poderes naturais da mente sob os seus estados de transtornos, mas sob o seu estado sadio.

É natural para o homem, e comum às espécies, ter duas mãos e dois pés. Contudo, Reid afirma ter visto um homem, e muito engenhoso, que nasceu sem as duas mãos e os dois pés. É natural, para o homem, ter faculdades superiores às dos brutos; contudo, é possível ver alguns indivíduos, cujas faculdades são iguais às daquelas de muitos brutos; pois o homem mais sábio pode, por vários acidentes, ser reduzido a esse estado.

A outra exceção ao princípio, mantida por alguns filósofos, é a de que o testemunho do sentido é falacioso e, conseqüentemente, em nenhum momento deveria ser objeto de confiança. Uma coisa é professar seriamente esse tipo de doutrina, diz Reid, outra é acreditar e ser governado por ela na condução da sua vida. É evidente, assim, que o homem que não acreditasse em seus sentidos não poderia, em algum momento de sua vida, ficar longe do perigo. Contudo, em toda a história da filosofia nunca se leu a respeito de qualquer cético que jamais tenha pisado no fogo ou na água porque não acreditava em seus sentidos, ou que tenha mostrado, na condução de sua vida, menos confiança nos seus sentidos do que os outros homens possuem.⁶²

Parece que isso, complementa Reid, fornece um elemento justo para se deduzir que a filosofia não foi capaz de conquistar a crença natural que os homens possuem em relação aos seus sentidos, e que todos os seus argumentos contra essa crença não foram capazes de persuadir a si mesmos.

⁶¹ PICH, Roberto H. *“Realismo Direto”*.

⁶² Cf. REID, EIP, Essay II, Chap. V, p. 98/99.

Fica manifesto, conseqüentemente, que o testemunho claro e distinto dos sentidos exerce uma irresistível convicção a cada homem, em seu julgamento certo.

4.2.3 Imediaticidade

E, finalmente, Reid⁶³ observou que essa convicção não é somente irresistível, mas é imediata, isto é, não ocorre por uma série de raciocínios e argumentações, que tornem o homem convencido da existência daquilo que percebe. Nenhum argumento para a existência do objeto é solicitado, e isso todos percebem como sendo o caso.

A percepção comanda as crenças sob sua própria autoridade e se mantém acima de qualquer raciocínio. Parece que Reid “está claramente certo de que costumeiramente não se chega aos juízos de percepção através de um processo explícito de raciocínio”⁶⁴.

A convicção de uma verdade pode ser irresistível, e ainda não imediata. Assim, diz Reid, a convicção de que os três ângulos de cada triângulo comum são iguais a dois ângulos retos é irresistível, mas não é imediata. A convicção é dada pelo raciocínio demonstrativo. Há outras verdades, na matemática, de que se tem, não somente uma convicção irresistível, mas também imediata. Tais são os axiomas. As crenças nos axiomas na matemática não são fundamentadas em cima do argumento. Os argumentos são fundamentados sobre os axiomas, mas a sua evidência é distinguida imediatamente pela compreensão humana.⁶⁵

E não há dúvida de que uma coisa é ter uma convicção imediata de um axioma auto-evidente, outra coisa é ter uma convicção imediata da existência do que se vê, mas a convicção é igualmente imediata e igualmente irresistível em ambos os casos. Nenhum

⁶³ Cf. REID, EIP, Essay II, Chap. V, p. 99.

⁶⁴ Cf. PICH, Roberto H. “*Realismo Direto*”.

⁶⁵ REID, EIP, Essay II, Chap. V, p. 99.

homem pensa em procurar uma razão para acreditar no que vê, e antes de ser capaz de raciocinar não coloca menos confiança em seus sentidos. O mais rude dos selvagens é inteiramente convencido do que vê, ouve e sente, como a maioria dos grandes peritos em lógica.

A constituição da compreensão do homem determina apreender a verdade de um axioma matemático como um primeiro princípio, do qual outras verdades podem ser deduzidas, sendo ele mesmo de nada deduzido. E a constituição do poder de percepção determina apreender a existência do que é percebido distintamente como um primeiro princípio, do qual outras verdades podem ser deduzidas, sendo ele mesmo de nada deduzido. O que foi dito da irresistível e imediata crença na existência dos objetos distintamente percebidos se refere apenas a pessoas de uma compreensão mais avançada, no sentido de distinguir objetos de mera imaginação das coisas que têm uma existência real.

Cada homem, afirma Reid⁶⁶, sabe que pode ter uma noção dos personagens Dom Quixote e Garagantua, sem nenhuma crença de que tais pessoas existiram. E de Júlio César e Oliver Cromwell o homem não tem somente uma noção, mas uma crença de que realmente existiram. Mas, as crianças, a partir do momento que começam a usar os seus sentidos, fazem a distinção entre as coisas que somente são concebidas ou imaginadas e as coisas que realmente existem, embora possam ser postas em dúvida. E até que possam fazer essa distinção não podem dizer, porém, que acreditam ou desacreditam na existência de alguma coisa.

A crença na existência de qualquer coisa parece supor uma noção de existência; uma noção, talvez, demasiado abstrata para entrar na mente de uma criança. Fala-se, aqui, do poder de percepção naqueles que são adultos e de uma mente sadia, que

⁶⁶ REID, EIP, Essay II, Chap. V, p. 99/100. Neste parágrafo, são feitas algumas citações, por Reid, que merecem algum esclarecimento. *Don Quixote de La Mancha* é um personagem muito conhecido de Miguel de Cervantes, da obra homônima Don Quixote. Garagantua também é um personagem, um gigante que engoliu, numa salada, cinco peregrinos com seus bastões, como conta o livro *The History of Garagantua* (1594), de François Rabelais. Júlio César (100 a.C. – 44 a.C.) foi um líder militar e político da República Romana. Oliver Cromwell (1599 – 1658) foi um político britânico que governou a Inglaterra, a Escócia e Irlanda de 16 de dezembro de 1653, até a sua morte.

acreditam que algumas coisas realmente existam e que há muitas coisas concebidas por si próprias e por outros que não têm existência. E o que essas pessoas fazem, invariavelmente, é atribuir existência a todas as coisas que percebem distintamente, sem procurar razões ou argumentos para fazê-lo; isso é perfeitamente evidente em toda natureza da vida humana.

O que Reid tenta explicar da percepção de objetos externos pretende ser uma fiel delimitação daquilo que cada homem chega a conhecer após anos de compreensão, podendo então dar atenção ao que se passa em sua própria mente e, assim, sentir em si mesmo. Mas, Reid não é capaz de mostrar, e nem o pretendia, de que maneira a noção de objetos externos e a crença imediata na sua existência são produzidas por meio dos sentidos. Se o poder de perceber objetos externos, em certas circunstâncias, for uma parte da constituição original da mente humana, todas as tentativas de esclarecê-lo serão em vão. Não há outra explicação que possa ser dada da constituição das coisas senão a vontade de quem as fez, tal que, em determinados momentos, percebe-se os objetos externos e, em outros, não.

Conforme Reid⁶⁷, o Ser Supremo pretendeu que os homens deveriam ter conhecimento dos objetos materiais que os cercam e do que precisariam para se abastecer da própria natureza, evitando os perigos a que todos são expostos constantemente. Coube a ele, admiravelmente, montar os poderes da percepção para esse fim. E, se a inteligência que se tem dos objetos externos inicia apenas pelo raciocínio, a grande parte dos homens seria destituída dele, pois a maioria dos homens mal aprendeu ou nunca aprendeu a raciocinar e, na primeira infância ou na infância propriamente dita, o homem ainda não pode raciocinar.

Consequentemente, cabe aos seres humanos essa inteligência dos objetos que os cercam e a partir dos quais podem receber muitos benefícios ou danos. É igualmente necessário para a criança e para o homem, para os ignorantes e ao instruído, que

⁶⁷ REID, EIP, Essay II, Chap. V, p. 101.

Deus, em sua sabedoria, possa transmitir uma forma que coloca todos no mesmo nível. A informação dos sentidos é deveras perfeita e dá a plena convicção ao mais ignorante como para a maioria das pessoas que pode ter algum tipo de aprendizado.

4.3 A NATUREZA NA PERCEPÇÃO

Reid, em um capítulo específico de sua obra IHM⁶⁸, trata do processo da natureza na percepção, onde diz que, embora não haja nenhum raciocínio na percepção, existem determinados meios e instrumentos que, por nomeação da natureza, devem intervir entre o objeto e a percepção dele. E, por esses meios e instrumentos, as percepções são limitadas e reguladas.

Primeiramente, se o objeto não está em contato com o órgão do sentido, deve haver algum instrumento que passe entre eles e faça essa intermediação. Assim, para exemplificar, Reid menciona que, na visão, há os raios de luz; na audição, as vibrações elásticas do ar; no olfato, os eflúvios do corpo cheirado devem passar do objeto ao órgão. Em segundo lugar, deve haver alguma ação ou impressão em cima do órgão do sentido, aplicada de forma imediata pelo objeto ou pelo instrumento que intervém entre eles. Em terceiro lugar, os nervos que vão do cérebro ao órgão devem receber alguma impressão por meio daquilo que foi feito em cima do órgão; provavelmente, por meio dos nervos alguma impressão deve ser feita sobre o cérebro. Em quarto lugar, a impressão sobre o órgão, os nervos e o cérebro é seguida por uma sensação. E, finalmente, essa sensação é seguida pela percepção do objeto.

Desta forma, parece que a percepção dos objetos é o resultado de uma sequência das operações, ou seja, de algumas que influenciam somente o corpo, e de outras que afetam a mente. Reid⁶⁹ diz que pouco se sabe sobre a natureza de algumas dessas

⁶⁸ REID, Thomas, IHM, 2000. O capítulo mencionado é “*Of the process of nature in perception*”, extraído de IHM, Chap. VI, Sect. XXI, p. 174-178. O item 4.3 é, basicamente, uma tentativa de interpretar o pensamento de Reid, exatamente como foi exposto no texto original.

⁶⁹ REID, Thomas. IHM, Chap. VI, Sect. XXI, p. 174-8.

operações e, por essa razão, desconhece-se como são conectadas, ou de que maneira contribuem para essa percepção, que é o resultado do todo. De todo modo, pela própria constituição do homem percebe-se esses objetos, e de nenhuma outra maneira.

Existe a possibilidade de haver outros seres que podem perceber os objetos externos sem os raios de luz, ou as vibrações do ar, ou os eflúvios dos corpos, sem impressões em órgãos corporais, ou mesmo sem sensações. Segundo Reid⁷⁰, o homem é de tal maneira moldado pelo autor da natureza que, mesmo quando estiver cercado por objetos externos, pode não perceber nenhum deles. A faculdade de perceber um objeto, provavelmente, encontra-se dormente, até que seja estimulada, e estimulada por uma determinada sensação correspondente. Nem sempre a sensação está à mão para executar a sua função; ela só pode participar na mente em consequência de uma determinada impressão correspondente, feita no órgão do sentido pelo objeto.

Em primeiro lugar, respeitando a ordem mencionada anteriormente, é necessário analisar a impressão que ocorre em cima do órgão corporal, apesar de não se saber de que natureza essas impressões são e, menos ainda, como excitam as sensações na mente.

É possível ter conhecimento de que um corpo pode atuar sobre outro pela pressão, pela percussão, pela atração, pela repulsão e, provavelmente, de muitas outras maneiras que se desconhece e nem possuem nomes. Mas, a maneira mesma pela qual esses objetos são percebidos pelo ato sobre os órgãos dos sentidos, por esses órgãos sobre os nervos e pelos nervos sobre o cérebro, isso não se sabe.

Para tentar explicar isso, Reid⁷¹ faz os seguintes questionamentos: Pode algum homem dizer como, na visão, os raios de luz atuam sobre a retina, como a retina atua sobre o nervo ótico e como o nervo ótico atua sobre o cérebro? Nenhum homem o

⁷⁰ REID, Thomas. IHM, Chap. VI, Sect. XXI, p. 174-8.

⁷¹ REID, Thomas. IHM, Chap. VI, Sect. XXI, p. 174-8.

pode. Quando alguém sente a dor da gota no dedo do pé, sabe que há alguma impressão incomum feita sobre essa parte do corpo, mas de que tipo é? Reid diz que não pode responder, pois tudo que se sente é a dor, que não é uma impressão sobre o corpo, mas sobre a mente; e tudo o que se percebe por essa sensação é alguma enfermidade no dedo do pé, que ocasiona essa dor.

Da mesma maneira, a cada outro tipo de sensação há, sem dúvida, alguma impressão feita sobre o órgão do sentido, mas uma impressão de que se desconhece a natureza. Mas, isso é demasiadamente sutil para que os sentidos possam descobrir e, mesmo que se façam mil conjecturas, é difícil chegar perto da verdade. O conhecimento da estrutura dos órgãos dos sentidos não contribuiria nada para a percepção do objeto: é necessário que a impressão seja feita sobre os órgãos, mas não que se saiba como. A própria natureza continua essa parte do processo de percepção, sem que se tenha consciência ou haja simultaneidade.

Mas, não se pode ficar inconsciente da etapa seguinte desse processo, isto é, a sensação da mente, que sempre segue imediatamente após a impressão que é feita sobre o corpo. É essencial para a sensação ser sentida, e, quanto ao seu ser, precisa-se apenas do sentir. E, se alguém puder adquirir o hábito de somente atender a todas as suas sensações, pode conhecê-las perfeitamente, afirma Reid⁷².

Mas, de que modo as sensações da mente são produzidas por impressões sobre o corpo? Disso, afirma Reid, o homem é absolutamente ignorante, não há nenhum meio de saber como o corpo atua sobre a mente, ou a mente sobre o corpo. Ao considerar-se a natureza e os atributos de ambos (impressões e sensações), que parecem ser tão diferentes e tão desiguais, há um abismo profundo e escuro entre eles, que a compreensão não consegue ultrapassar. E a maneira de sua correspondência e de seu intercâmbio é absolutamente desconhecida.

⁷² REID, Thomas. IHM, Chap. VI, Sect. XXI, p. 174-8.

A experiência ensina que certas impressões causadas sobre o corpo são seguidas, constantemente, por certas sensações da mente; ademais, que certas determinações da mente são seguidas por certos movimentos no corpo. Todavia, não é possível perceber a corrente que amarra todas essas coisas. Talvez as mesmas sensações pudessem ter sido conectadas com outras impressões, e em outros órgãos corporais. Talvez pudesse o paladar ser dependente dos dedos, o olfato das orelhas e a audição do nariz. E talvez fosse possível ter-se todas as sensações e percepções que se tem, sem que nenhuma impressão fosse, como um todo, feita sobre os órgãos corporais.

Porém, continua Reid⁷³, essas coisas talvez pudessem ter ocorrido, se a natureza tivesse dado ao homem nada mais do que impressões feitas sobre o corpo e sensações na mente que correspondessem a elas. Deveriam aqueles seres, nesse caso, ter sido seres meramente sensíveis, mas não seres perceptivos. O homem não teria sido capaz de formar uma concepção de qualquer objeto externo, menos ainda uma crença na sua existência. Contudo, as sensações não têm nenhuma semelhança com os objetos externos, nem se pode descobrir, pela razão, qualquer ligação necessária entre a existência da sensação e dos objetos.

E afinal, o que seria o ideal? Talvez os seres humanos pudessem ter sido feitos de outra constituição, a ponto de terem as suas percepções atuais conectadas com outras sensações. Talvez pudessem ter tido a percepção de objetos externos, sem impressões sobre os órgãos dos sentidos ou sem sensações. Ou, por último, as percepções que tiveram talvez pudessem, imediatamente, ter sido conectadas com as impressões sobre os órgãos, sem nenhuma intervenção das sensações.

Segundo Reid⁷⁴, o processo da natureza na percepção pelos sentidos, conseqüentemente, pode ser concebido como num filme, onde algumas coisas são executadas atrás das cenas, outras coisas sendo representadas à mente em cenas

⁷³ REID, Thomas. IHM, Chap. VI, Sect. XXI, p. 174-8.

⁷⁴ REID, Thomas. IHM, Chap. VI, Sect. XXI, p. 174-8.

diferentes, uma sucedendo a outra. A impressão feita pelo objeto sobre o órgão pelo contato imediato, ou por algum meio de intervenção, assim como a impressão feita sobre os nervos e o cérebro, é executada atrás das cenas, e a mente não considera nada dela. Mas, cada impressão desse tipo é seguida por uma sensação, a primeira cena exibida à mente; essa cena é sucedida rapidamente por outra, que é a percepção do objeto.

Nesse filme, a natureza é o ator, e todos nós somos os espectadores. Nada se sabe da maquinaria que estava envolvida em cada diferente impressão sobre o órgão, os nervos e o cérebro, exibindo a sua sensação correspondente; tampouco se sabe da maquinaria utilizada para que cada sensação exibisse a sua percepção correspondente. O homem é inspirado pela sensação e, da mesma forma, inspirado pela percepção correspondente, por meios desconhecidos. E, certamente, porque a mente passa imediatamente da sensação à concepção e crença no objeto que se tem na percepção, da mesma maneira passa dos sinais às coisas significadas por eles, os quais são possíveis chamar, conseqüentemente, de sinais das sensações de objetos externos. Nenhuma outra palavra é mais apropriada para expressar a função que o poder da natureza atribuiu à sensação na percepção e à relação que carrega os seus objetos correspondentes.

Não há necessidade, para Reid⁷⁵, de uma semelhança entre o sinal e o seu significado; certamente, nenhuma sensação pode assemelhar-se a qualquer objeto externo. Mas, há duas coisas necessárias para o conhecimento das coisas por meio dos sinais. Primeiramente, que essa conexão real entre o sinal e o significado da coisa seja estabelecida pelo curso da natureza ou pela vontade e nomeação dos homens. Quando são conectados pelo curso da natureza, é um sinal natural; quando pela nomeação humana, é um sinal artificial. Assim, a fumaça é um sinal natural do fogo; certas características são sinais naturais da raiva; mas, as palavras, se expressas por

⁷⁵ REID, Thomas. IHM, Chap. VI, Sect. XXI, p. 174-8.

sons articulados ou de forma escrita, são sinais artificiais do pensamento humano e de suas finalidades.

Outro requisito para se adquirir o conhecimento das coisas por meio de sinais é que essa aparição do sinal à mente seja seguida pela concepção e pela crença da coisa significada. Se esse sinal não for compreendido e nem interpretado, tal que não venha a ser nenhum sinal, a percepção não se segue, fazendo-se necessário um ajuste em sua própria natureza, para essa finalidade.

Contudo, há três maneiras em que as aparições à mente de sinais naturais passam à concepção e à opinião da coisa significada: por princípios originais da própria constituição, pelo costume e pelo raciocínio.

As percepções originais são o início dessas passagens; as percepções adquiridas vêm em seguida; em terceiro lugar, têm-se tudo o que a razão descobre do curso da natureza. Na primeira dessas maneiras, a natureza, por meio das sensações do toque, informa sobre a dureza e a maciez dos corpos; informa da sua extensão, da sua figura e do seu movimento, bem como desse espaço em que se movem e são colocados. Na segunda dessas maneiras, a natureza informa, por meio dos olhos, sobre quase todas as mesmas coisas originais, que poderiam ser percebidas só pelo toque.

Assim, pois, conforme Reid⁷⁶, de todas as percepções que se pode ter pela visão, a mais notável é a percepção da distância dos objetos em relação ao olho; e o que se deve considerar de forma particular são os sinais em razão dos quais essa percepção é exibida, bem como os sinais que são usados em outras percepções adquiridas.

⁷⁶ REID, Thomas. IHM, Chap. VI, Sect. XXI, p. 174-8.

5 O REALISMO DIRETO DE THOMAS REID

O objetivo deste capítulo é tentar demonstrar o realismo direto de Thomas Reid, nas teorias da sensação e da percepção, em conformidade com o que já foi exposto nos capítulos anteriores. Pretende-se também esclarecer e comparar com o relato de Reid, na perspectiva do realismo direto, três formas de imediaticidade da percepção: a imediaticidade epistemológica, a imediaticidade perceptual e a imediaticidade apresentacional.

5.1 O REALISMO DIRETO NAS TEORIAS DA PERCEPÇÃO E DA SENSACÃO

Guerreiro⁷⁷ comenta que a maioria dos filósofos modernos, assim como os contemporâneos, sustentou alguma versão de uma teoria indireta ou representativa da percepção. Thomas Reid, entre poucos, sustentou uma teoria da percepção direta em contraposição a uma orientação do movimento empirista moderno. Essa orientação foi, provavelmente, iniciada por Locke e endossada tanto por Berkeley como por Hume, de acordo com a qual o que se conhece, imediatamente, são as “ideias”. Mas, Reid não hesitou em proclamar que, na realidade, o que se tem é um conhecimento imediato das próprias coisas. Pode-se afirmar, ainda, que Reid antecipou Kant ao criticar o caráter passivo atribuído a uma consciência meramente receptiva, tal como era concebida pelos empiristas modernos, e acentuou o papel dinâmico da percepção.

Na percepção de um objeto externo, todas as línguas distinguem três coisas: a mente que percebe, a operação da mente que é chamada percepção e o objeto percebido. Nada parece mais evidente para uma mente não tutorada pela filosofia do que estas três coisas distintas que, embora relacionadas, não devem ser confundidas. A estrutura de todas as línguas pressupõe esta distinção e está construída sobre ela. Os filósofos introduziram uma quarta coisa neste processo, que eles chamam de a “ideia” do objeto, que eles supõem ser uma imagem ou uma representação do objeto e é tomada por eles como o objeto imediato.⁷⁸

⁷⁷ GUERREIRO, 1999, p. 168.

⁷⁸ Reid, 1785, p. 222 (citado por Yolton, 1984, p. 206). Retirada da obra de GUERREIRO, 1999, p. 170.

Em ambas de suas obras, IHM e EIP, Reid formula a seguinte distinção entre o realismo direto e indireto: afirma que o realismo direto é uma teoria onde o sujeito está diretamente consciente dos objetos externos e sabe que eles existem sem a necessidade de entidades mentais para uma consciência, que funcionariam como ligações cognitivas, para informá-lo do mundo exterior. O realismo indireto detém que o sujeito está diretamente consciente apenas de certas entidades mentais, a partir das quais a mente faz algum tipo de inferência mental ou outra passagem para a existência de um mundo externo.⁷⁹

Por outro lado, para Ayer⁸⁰, um filósofo que pensa perceber diretamente objetos físicos nem por isso crê que suceda coisa diferente àquele que julga só perceber diretamente dados sensoriais. Qualquer um deles apela para a sua experiência perceptiva e nenhuma experiência pode decidir o caso. Assim, nem a afirmação de que só os dados sensoriais possam ser diretamente percebidos pode-se interpretar como uma reflexão sobre o uso corrente de verbos sensoriais como “ouvir”, “tocar” e “ver”.

Segundo Austin⁸¹, a maior parte dos filósofos não está disposta a admitir que, alguma vez, seja possível perceber diretamente os objetos, como canetas ou cigarros. E o que os deixa insatisfeitos é, de certa forma, a palavra “diretamente”, que é uma das mais traiçoeiras da selva lingüística.

Austin destaca, ainda, dois pontos importantes que, de certa forma, reforçam a teoria de Reid sobre o realismo direto:

⁷⁹ Citado por PITSON, 1989, p. 79: “By direct realism I mean the theory that we are directly aware of external objects and that we know them without requiring an awareness of mental entities which act as cognitive links informing us of an external world. Indirect realism holds that we are directly aware only of certain mental entities (call them *sensa*) from which the mind makes some kind of inference or other mental transition to the existence of an external world.”

⁸⁰ AYER, s/d, p 72/73.

⁸¹ AUSTIN, 1993, p. 25/26.

1. A noção de não perceber diretamente. Ver a sombra da pessoa na persiana é um caso duvidoso, e ver alguém através de binóculos ou óculos, não pode ser considerado, de modo algum, um exemplo de ver alguém indiretamente.

2. A noção de percepção indireta não está à vontade a não ser com o sentido da visão. No caso dos outros sentidos não existe nada de análogo à “linha da visão”. O sentido mais natural da expressão “ouvir indiretamente” é o de algo nos ser dito por um intermediário – o que é coisa completamente diferente. Mas será que eu ouço um grito indiretamente ao ouvir-lhe o eco? Quando toco em uma pessoa com uma vara de barco toco-a indiretamente? Ou, se alguém me oferece um porco dentro de um saco, será que eu poderia sentir o porco indiretamente – através do saco? E não faço a menor ideia do que seja cheirar indiretamente. Então há algo errado na pergunta “Percebemos ou não as coisas diretamente? pois nela está implícito que o perceber se aplica a qualquer dos sentidos.”⁸²

5.2 FORMAS DE IMEDIATICIDADE

Nos seus textos, Reid parece demonstrar certo comprometimento em apresentar a imediaticidade sob três aspectos diferentes e de como ela aparece na sensação e, principalmente, na percepção. O realismo direto se torna presente nessas três formas, na imediaticidade epistemológica, na imediaticidade perceptual e na imediaticidade apresentacional, que serão abordadas individualmente neste item.

Segundo Van Cleve⁸³, Reid é um realista, por sustentar que coisas físicas existem fora da mente. E, igualmente, um realista direto em cada uma das três formas em que a imediaticidade se apresenta no conhecimento: a epistemológica, perceptual e apresentacional.

Em sua dissertação, Buras⁸⁴ dedica um capítulo (Capítulo 6) para expor a sua interpretação dos textos de Reid que indicam os diferentes aspectos em que a percepção é imediata. E afirma, ainda, o quanto esta abordagem de Reid sobre a imediaticidade na percepção, é necessária e apropriada. E faz o seguinte comentário:

⁸² AUSTIN, 1993, p. 25/26. Grifos do autor.

⁸³ VAN CLEVE, Reid's *Theory of Perception*. 2004, p. 111–114.

⁸⁴ BURAS, *Chapter 6 – Three Types of Immediacy*. 2004, p. 105-135.

I should note at the outset that the types of immediacy I identify and attribute to Reid do not overlap precisely with the categories offered by earlier interpreters, Alston (1989: 36-37) and Pappas (1989: 156-159). I agree with both these authors about Reid's commitment to an epistemological type of immediacy. But my notion of epistemological immediacy incorporates two of Alston's categories (doxastic and epistemological immediacy), and my notion of epistemological immediacy is concerned with perceptual belief and not, as Pappas's, perceptual knowledge.⁸⁵

Para Alston⁸⁶, em seu artigo, existem três formas em que a percepção de objetos físicos pode ser direta. A primeira forma é a **apresentacional**, onde a percepção do objeto externo é diretamente "apresentada" à consciência, ou seja, é "dada" à consciência. A consciência é 'intuitiva', ao invés de 'discursiva'. Este é o 'conhecimento por familiaridade', e não 'conhecimento por descrição'. A segunda forma é a **doxástica**, onde a crença envolvida surge naturalmente ao invés de inferência intelectual ou de outros processos. A terceira forma é a **epistemológica**, onde a crença em causa é justificada, garantida e racionalmente aceitável, independentemente de o sujeito ter razões para isso. É intrinsecamente confiável, apenas por ser uma crença perceptual.

Parece não haver dúvida, mas para Reid a percepção de objetos externos tende a ser imediata, na segunda e terceira formas, continua Alston. A espontaneidade das crenças perceptuais é parte de sua base por conta da natureza da percepção. E ele, repetidamente, considera que se está avançando de forma bastante razoável para formar essas crenças sem qualquer apoio de raciocínio, ao mencionar o seguinte:

... we ask no argument for the existence of the object but that we perceive it; perception commands our belief upon its own authority, and disdains to rest its authority upon any reasoning whatsoever.

⁸⁵ BURAS, em nota de rodapé, 2004, p. 105. Segundo o autor: "Devo notar, liminarmente, que os tipos de imediaticidade que identifico e atribuo a Reid, não se sobrepõem com precisão as categorias oferecidas pelos intérpretes anteriores, Alston (1989: 36-37) e Pappas (1989: 156-159). Concordo com ambos os autores sobre o compromisso de Reid com um tipo de imediaticidade epistemológica. Mas a minha noção de imediaticidade epistemológica incorpora duas categorias de Alston (doxástica e imediaticidade epistemológica), e a minha noção de imediaticidade epistemológica está preocupada com a crença perceptiva e não, como Pappas, com o conhecimento perceptivo."

⁸⁶ ALSTON, 1989, p. 36-37. Grifos do autor.

*If the word axiom be put to signify every truth which is known immediately, without being deduced from any antecedent truth, then the existence of the objects of sense may be called an axiom.*⁸⁷

Na realidade, o que Reid tenta esclarecer é que não há necessidade de se pedir um argumento para provar a existência do objeto, simplesmente o percebemos. De certa forma, a percepção comanda as crenças, com certa autoridade sobre qualquer raciocínio. Assim, se a palavra axioma for colocada para denominar cada verdade que é conhecida de imediato, sem ter sido deduzido qualquer antecedente verdadeiro, então a existência de objetos do sentido pode ser chamada de um axioma.

5.2.1 Epistemológica

A primeira forma de imediatividade é o realismo direto epistemológico, que se baseia em alguma crença sobre coisas físicas. A percepção do objeto não deriva de nenhuma outra proposição que se acredite, apenas justificada por uma crença perceptual, aparte de todas as razões que possam ser creditadas.⁸⁸

Crenças perceptuais, isto é, crenças sobre a existência atual de corpos independentes e suas qualidades na mente, são inferidas e/ou justificadas por crenças sobre alguma distinta gama de objetos ou não. Se as crenças perceptuais são inferidas ou justificadas, então elas são uma mediação no sentido epistemológico, isto é, a condição epistemológica da crença perceptual fornece uma razão para afirmar que há coisas distintas a partir dos corpos e das suas qualidades, que deve ser feito um objeto do pensamento, para os corpos e as suas qualidades percebidas.⁸⁹

⁸⁷ Reid citado por ALSTON, 1989, p. 37. Estes trechos foram retirados da seguinte obra de Reid: EIP, *Essay II*, *chapter V* (p. 96-101) e *XX* (p. 137-152).

⁸⁸ VAN CLEVE, *Reid's Theory of Perception*. 2004, p. 111-114.

⁸⁹ Cf. BURAS, 2004, p. 105.

Reid parece pensar, diz Buras⁹⁰, que a teoria comum implica, simplesmente, que crenças perceptuais são epistemologicamente mediatas. Em qualquer caso, parece que ele nunca admitiu que se exigisse argumento para mostrar que, se os únicos objetos imediatos do pensamento são coisas que atualmente existem na própria mente, então, crenças sobre coisas que não existem atualmente na mente devem ser inferidas a partir de si mesmas e/ou justificadas por crenças sobre coisas que fazemos. Mas, essas talvez possam exigir um argumento. Por isso mesmo, não é contraditório afirmar que existem objetos intermediários na percepção, enquanto nega que crenças sobre esses objetos desempenhem qualquer papel significativo, quer na formação ou na justificação da crença perceptual.

A teoria comum está empenhada na mediaticidade epistemológica, ou seja, na alegação de que todas as crenças sobre corpos independentes da mente e as suas qualidades são inferidas a partir de e/ou justificadas pelas crenças sobre as ideias sensoriais. E Reid considera que a mediaticidade epistemológica implica na única premissa controversa, um argumento poderoso para o ceticismo, quanto à justificação das nossas crenças perceptuais.

As crenças perceptuais não são inferidas a partir de crenças sobre as ideias sensoriais, porque não se pode inferi-las. Elas não podem ser inferidas porque, assim, a existência na mente de corpos e qualidades independentes não é uma consequência necessária da existência de sensações, nem faz ideia da existência de corpos independentes na mente, provavelmente também não oferecendo qualquer explicação para a existência de sensações.

Então, a fim de resistir às conclusões céticas de que nenhuma das crenças perceptuais sobre objetos materiais se justifica, Reid rejeita a premissa condicional que é uma consequência da mediaticidade epistemológica.

⁹⁰ Cf. BURAS, 2004, p. 106.

5.2.2 Perceptual

Na segunda forma de imediaticidade apresentada, o realismo direto é perceptual e ocorre de acordo como as coisas físicas são percebidas diretamente. Esta forma, diz Van Cleve⁹¹, atinge as coisas físicas que são percebidas sem nenhum intermediário percebido. Van Cleve acredita que Reid é um realista direto perceptual ou, pelo menos, que pretende ser um. Assim, cita a seguinte passagem na obra de Reid:

When we see the sun or moon, we have no doubt that the very objects which we immediately see are very far distance from us, and from one another... But how are we astonished when the Philosopher informs us, that we are mistaken in all this...because the objects we perceive are only ideas in our own minds
 ...⁹²

Segundo Reid, quando o sol ou a lua são vistos, não se têm qualquer dúvida de que os objetos que imediatamente são vistos estão muito longe, tomando como referência um ou outro. Contudo, pode-se ficar espantado quando um filósofo informar que tudo não passa de um engano, porque, na realidade, os objetos percebidos são apenas ideias na própria mente.

Conforme Van Cleve⁹³, as duas primeiras formas do realismo direto são, indiscutivelmente, independentes uma da outra. Diz, ainda, que seria possível sustentar que objetos físicos são percebidos diretamente, e as crenças sobre eles não são fundamentalmente epistêmicas, mas precisam ser suportadas por uma informação de fundo, como por exemplo, sobre o funcionamento apropriado de seus sentidos. Mas, na mente de Reid, as duas formas de realismo direto estão ligadas entre si.

⁹¹ VAN CLEVE, *Reid's Theory of Perception*. 2004, p. 112.

⁹² REID, Thomas. EIP II, XIV, p. 172.

⁹³ VAN CLEVE, 2004.

O conteúdo referencial de crenças perceptuais é, por Reid, o objeto apreendido pelo ato da concepção, para exigir crença perceptiva. Se qualidades corporais podem ser diretamente apreendidas, sem antes apreender alguma outra coisa, então, crenças perceptuais seriam imediatas. Se, por exemplo, for preciso apreender qualidades corporais em virtude das sensações apreendidas, então, nesse caso, o referencial das crenças perceptuais é mediado por sensações.⁹⁴

Reid⁹⁵ observa que esta teoria das idéias, ou seja, o paradigma de uma teoria indireta da percepção conduziu Descartes e aqueles que o seguiram à necessidade de provar, por argumentos filosóficos, a existência de objetos materiais. Em outras palavras, para Van Cleve⁹⁶, aquele que não é um realista direto perceptual, não pode ser um realista direto epistemológico, dando-se semelhantemente para a situação inversa.

5.2.3 Apresentacional

Na terceira forma de imediaticidade, o realismo direto é apresentacional, ou seja, as coisas físicas não são percebidas diretamente, mas a percepção delas é uma matéria que está sendo apresentada, diz Van Cleve⁹⁷. Afirma, ainda, que é possível ser um realista direto perceptual sem ser um realista direto apresentacional.

Segundo Buras⁹⁸, crenças perceptuais, como todas as outras, envolvem os atos da concepção. Desta forma, as crenças perceptuais são modos de pensamento com a apresentação de conteúdo, ou seja, que apresentam ou descrevem os seus objetos. A apresentação do conteúdo da crença perceptual ou é absoluta ou não. Se não é absoluta, então é relativa; isso significa dizer que o ato da concepção envolvendo uma crença perceptual apresenta ou descreve o seu objeto, em função de sua relação com

⁹⁴ BURAS, in *“The Problem with Reid’s Direct Realism”*. 2003, p. 51.

⁹⁵ REID, Thomas. EIP, Essay II, Chap. XIX, p. 186.

⁹⁶ VAN CLEVE. *Reid’s Theory of Perception*. 2004, p. 112.

⁹⁷ VAN CLEVE, 2004, p. 113.

alguma outra coisa. Se o conteúdo apresentacional da crença perceptual é relativo, então, a fim de conceber os objetos da percepção, deve existir algo mais que um objeto do pensamento. Ora, não se pode descrever ou apresentar os corpos e as suas qualidades, em termos de suas relações com outras coisas, sem pensar nas outras coisas.

Portanto, continua Buras, se crença perceptual envolve uma concepção relativa, a percepção é mediata apresentacional. A apresentação do conteúdo da crença perceptual fornece uma razão para afirmar que há coisas distintas, a partir dos corpos e das suas qualidades, que deve ser feito um objeto de pensamento, para que os corpos e as suas qualidades sejam percebidos.

No realismo direto apresentacional, a imediaticidade ocorre no momento em que o objeto externo é apresentado à consciência do sujeito, de forma intuitiva. De certa forma, trata-se aqui, da aquisição do conhecimento por familiaridade.

⁹⁸ Cf. BURAS, 2004, p. 111-112.

6 CONCLUSÃO

A metodologia de Reid, pelo que foi exposto na presente dissertação, parece estar vinculada aos princípios do senso comum como uma forma de aquisição do conhecimento. E, ainda, baseia-se na crença de que o homem pode ter razões suficientes para confiar em suas faculdades, pois a sua relação com os objetos do mundo exterior é direta, sem qualquer tipo de intermediário.

Na teoria do conhecimento empírico de Reid, percebe-se a sua crítica aos argumentos céticos existentes na teoria das ideias e a importância da relação e da distinção entre sensação e percepção, para que se possa, conseqüentemente, compreender a posição adotada por ele em relação ao conhecimento imediato das coisas e dos objetos, ao sustentar o realismo direto na teoria da percepção.

Para defender o seu posicionamento, Reid faz uma crítica à teoria das ideias, adotada pela maioria dos filósofos modernos, referindo-se, principalmente, a Locke, Berkeley e Hume. Para a teoria das ideias, a mente não percebe nada, senão um mundo de ideias em si mesmo. Na realidade, as ideias eram tratadas como entidades mentais que são percebidas por si próprias e, de alguma forma, como a base para a percepção fora da mente. As sensações, por sua vez, serviriam apenas como um intermediário para a percepção dos objetos externos.

Um dos questionamentos a que se refere Reid é a possibilidade de se pensar em outras coisas que não sejam ideias na mente, exatamente porque existem objetos que estão fora da mente que pensa neles. O outro questionamento é em relação à percepção de um mesmo objeto, por pessoas completamente diferentes que, provavelmente não poderá ser a mesma.

Na concepção de Reid, a percepção que o homem tem do mundo exterior não possui nenhum intermediário, e a sensação não deve ser considerada como um meio, mas como um modo constituinte de que algo está sendo percebido. Basta que se tenha uma operação mental para se ter uma sensação; contudo, a primeira não é uma condição necessária da segunda, pois se pode estar consciente de “x”, mas, obrigatoriamente, não se quer dizer com isso que há uma sensação de “x”.

A nossa capacidade de “conhecer”, isto é, construir representações mentais a partir de percepções sensoriais nos permite não só adquirir novos dados da experiência como também reconhecer os anteriormente adquiridos. Somos capazes de reconhecer um objeto que nunca vimos, apenas comparando esse objeto aos modelos que temos na memória.

O homem processa a informação percebida pelos sentidos para transformá-la em conceitos e, a seguir, em signos.⁹⁹

E, dos elementos característicos da percepção, ou seja, a concepção, a crença e a imediaticidade, é que se inicia a compreensão do realismo direto de Thomas Reid. A concepção é um estado mental simples de apreender um objeto. A crença, por sua vez, permite que se tenha a convicção da existência deste objeto. A imediaticidade, finalmente, mostra que essa convicção é imediata.

Em relação aos sentidos, não resta a menor dúvida de que as sensações do ‘gosto’, do ‘cheirar’, do ‘sentir’ e ‘ouvir’ se realizam diretamente. Talvez, apenas na ‘visão’ é que poderiam surgir algumas dúvidas. O que Reid não deixa dúvidas é a ocorrência do realismo direto na percepção. E, por todas as colocações feitas, Reid pode ser considerado um realista direto perceptual, porque nesta forma, o sujeito percebe os objetos externos diretamente, sem qualquer interferência.

⁹⁹ BIZZOCCHI, 2009, p. 85.

Nesta fase, é importante ressaltar que, mesmo com as dificuldades encontradas na interpretação das obras de Reid e de outros autores, para que o texto se tornasse claro ao leitor, os objetivos propostos no início do trabalho foram alcançados. Fica claro que o tema, em função de sua complexidade, deve, posteriormente, ser objeto de um estudo mais detalhado e aprofundado.

REFERÊNCIAS

OBRAS DE THOMAS REID:

REID, Thomas. *An Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense*. Edited by Derek R. Brookes. Edinburgh: Edinburgh University, 2000. 345 p.

_____. *Essays on The Active Powers of the Human Mind an Inquiry into the Human Mind on the Principle of Common Sense: essays on quantity*. London: Thomas Tegg, 1843. 599 p.

_____. *Essays on the Intellectual Powers of Man*. A critical edition. Text edited by Derek R. Brookes, annotations by Derek R. Brookes and Knud Haakonssen; introduction by Knud Haakonssen. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2002. 651 p.

OBRAS CITADAS:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução dos novos textos por Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ALSTON, William P. *Reid on Perception and Conception. The Philosophy of Thomas Reid*. Dordrecht: Kluwer, 1989, 491 p. Philosophical Studies Series: v. 42.

AUDI, Robert. *Dicionário de Filosofia de Cambridge*. São Paulo: PAULUS, 2006. 1019 p.

AUSTIN, John Langshaw. *Sentido e Percepção*. Tradução de Armando Manuel Mora de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 193 p. Coleção Tópicos.

AYER, Alfred Jules. *O Problema do Conhecimento*. Tradução de Vieira de Almeida. Lisboa-Rio de Janeiro: Ulisséia, s/d. 182 p.

BIZZOCCHI, Aldo. *Como Pensamos a Realidade. Scientific American Brasil*. Março, 2009, p.84-89.

BURAS, Jackson Todd. *Thomas Reid's Direct Realism*. Dissertation presented to the Faculty of the Graduate School of Yale University, 2004. 199 p. Disponível em: <<http://proquest.umi.com>>. Acesso em: 04 abr. 2007.

_____. ***The Problem with Reid's Direct Realism. The Philosophy of Thomas Reid – A collection of Essays.*** 2003, p. 44-64.

CONDILLAC, Étienne de. ***Tratado das Sensações.*** Tradução de Denise Bottmann. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1993. 261 p. Tradução de *Traites des sensations et des animaux.*

CUNEO, Terence; WOUDEMBERG, René Van. ***The Cambridge Companion to Thomas Reid.*** New York: Cambridge University Press, 2004. 369 p.

DALGARNO, Melvin; MATTHEWS, Eric. ***The Philosophy of Thomas Reid.*** Dordrecht: Kluwer, 1989, 491 p. *Philosophical Studies Series: v. 42,*

DE BARY, Philip. ***Thomas Reid and Scepticism: his reliabilist response.*** London: Routledge, 2002. 203 p.

FALKENSTEIN, Lorne. ***"Nativism and the Nature of Thought in Reid's Account of Our Knowledge of the External World". The Cambridge Companion to Thomas Reid.*** New York: Cambridge University Press, 2004. p. 156-179.

FRASER, Alexander Campbell. ***Thomas Reid. Famous Scots Series.*** Edinburgh: Elibron Classics, 2005. 160 p.

GRECO, John. ***"Reid's Reply to the Skeptic". The Cambridge Companion to Thomas Reid.*** New York: Cambridge University Press, 2004, p. 134-155.

GUERREIRO, Mario A. L. ***Ceticismo ou Senso Comum?*** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, 338 p. Coleção Filosofia, nº 102.

HALDANE, John; READ, Stephen. ***The Philosophy of Thomas Reid: a collection of essays.*** Malden: Blackwell Publishing, 2003. 214 p.

HUME, David. ***Investigação sobre o Entendimento Humano.*** Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989. Título original: *Essays Concerning the Human Understanding.*

_____. ***Tratado da natureza humana.*** Tradução de Serafim da Silva Fontes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. 736 p. Tradução de: *A Treatise of Human Nature,* segundo a edição da Oxford University Press, Oxford, 1888.

JASPERS, Karl. ***Introdução ao Pensamento Filosófico.*** 3ª ed. Tradução de Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix, 1976, 148 p.

LEHRER, Keith. ***Thomas Reid: the arguments of the philosophers.*** London: Routledge, 2002. 311 p.

MARCIL-LACOSTE, Louise. **Claude Buffier and Thomas Reid: two common-sense philosophers**. Kingston: McGill-Queen's University Press, 1982. 227 p.

PICH, Roberto H. **Realismo Direto**. Extraído dos Ensaio sobre os poderes intelectuais do homem (*Essays on the Intellectual Powers of Man*, Cambridge, Mass.: MIT Press, 1969). Tradução de Thomas Reid, *From Direct Realism, from Essays on the Intellectual Powers of Man*. From: BONJOUR, Lawrence and BAKER, Ann (Eds.). *Philosophical Problems. An Annotated Anthology*. New York: Pearson Education – Longman, 2008, p. 93-103. ISBN 0-205-63947-X.

PITSON, A. E. **"Sensation, Perception and Reid's Realism"**. *The Philosophy of Thomas Reid*. Dordrecht: Kluwer, 1989, p. 79-90. *Philosophical Studies Series*: v. 42,

SCIACCA, Michele Federico. **História da Filosofia - II Do Humanismo a Kant**. 2ª ed. Tradução de Luís Washington Vita. São Paulo: Mestre Jou, 1966, 212 p.

STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY: **Thomas Reid**. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/reid/> Acesso em: 14 ago. 2006.

VAN CLEVE, James. **"Reid's Theory of Perception"**. *The Cambridge Companion to Thomas Reid*. New York: Cambridge University Press, 2004. p. 101-133.